

**INTRODUÇÃO À LINGÜÍSTICA APLICADA
E SUA UTILIDADE PARA AS PESQUISAS
EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA⁹**

Doris de Almeida Soares (UFRJ, PUC-Rio, EN)
dorissoares@letras.ufrj.br

RESUMO

Este artigo apresenta um histórico da Linguística Aplicada desde o seu surgimento até os dias atuais, abarcando as diferentes definições adotadas pelos lingüistas aplicados para caracterizarem a sua área de atuação. Ele também descreve o papel do Lingüista Aplicado e a sua importância na solução de problemas relacionados ao uso da linguagem em contextos dos mais variados, inclusive na sala de aula de língua estrangeira. A seguir, ele oferece um breve panorama da Linguística Aplicada no Brasil e descreve dois programas de pós-graduação na área, um em São Paulo e um no Rio de Janeiro. Por fim, ele apresenta um exemplo de questões que podem ser pesquisadas no campo de aprendizagem da escrita em inglês como língua estrangeira no contexto universitário.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; ensino/aprendizagem de línguas; pesquisa em língua estrangeira

INTRODUÇÃO

Dentre as características que nos diferenciam de todas as outras espécies, a capacidade que possuímos de interagir no meio social através da expressão verbal parece ser a mais notável de todas, pois é justamente esta habilidade que torna possível ultrapassarmos os limites da inteligência sensório-motora, evocarmos situações passadas e nos libertarmos das fronteiras do espaço próximo e imediato, interagindo, assim, com outros interlocutores na co-construção do conhecimento.

Portanto, não é de todo estranho que tenhamos buscado, desde a antiguidade, saber mais sobre esta habilidade inerente ao ser humano. Assim, é possível encontrar a linguagem verbal como objeto de estudo tanto nas Ciências Naturais, Humanas e Sociais. Nos domínios da Biologia e da Medicina, por exemplo, o interesse é por estudos que focalizam a anatomia e o funcionamento do aparelho fonador, o cére-

⁹ Texto resultante do trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Filológicos e Linguísticos, promovido pelo CiFEFIL e realizado na FFP(UERJ), de 3 a 7 de março de 2008.

bro e as áreas relacionadas com a produção da língua e as patologias associadas à produção e processamento da fala e do pensamento linguístico. A Psicologia, por sua vez, procura entender outras facetas da linguagem tais como a forma pela qual se processa o desenvolvimento desta e do pensamento humano através da cognição, investigando, também, as causas e possíveis tratamentos de patologias como a afasia ou a dislexia. Outra área acadêmica que desenvolve estudos relacionados à linguagem é a Sociologia, descrevendo e buscando entender como a visão de mundo de um grupo social é construída e representada através dos signos linguísticos por ele adotados. Já a Linguística, dentro de seus múltiplos campos de investigação, pode fazer um estudo sistemático de uma dada língua, descrevendo as suas unidades mínimas, por exemplo.

Além destas disciplinas, encontramos um campo de estudos mais recente, surgido provavelmente entre as décadas de 40 e 50, que também pretende investigar questões referentes à utilização da linguagem. Esta nova área, chamada Linguística Aplicada, é definida por Brumfit (1995: 27) como “investigação empírica e teórica de problemas do mundo real nos quais a linguagem é uma questão central”. Seu objetivo principal, segundo autores como Grabe e Kaplan (1991), Moita Lopes (1996) e Strevens (1991), é procurar a solução para estes problemas. Para tanto, a Linguística Aplicada faz uso não somente dos conhecimentos teóricos produzidos pela Linguística, mas, acima de tudo, dialoga com as descobertas de uma variedade de campos tais como a Antropologia, a Teoria Educacional, a Psicologia e a Sociologia, entre outros, para atingir os seus objetivos, mantendo, assim, uma forte característica multidisciplinar.

Quanto a esta questão, Celani (2000) diz que

A LA como área de conhecimento é vista hoje como articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos que têm preocupação com a linguagem. Tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha o papel instrumental na construção dos contextos sociais nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de ordem educacional, social, política e até econômica (Celani, 2000:19/20).

Porém, como definir esta área de estudos que Weidemann (1998) chama de “um fenômeno relativamente moderno”, e que vem, ao longo de sua curta existência, evoluindo e se ajustando à medida

que se firma como área de estudos independente nas Ciências Humanas?

Partindo desta questão, este artigo pretende oferecer ao leitor um melhor entendimento do que vem a ser a Linguística Aplicada e de como os conceitos nela desenvolvidos podem servir de auxílio nas investigações relacionadas ao uso da língua em contextos dos mais variados, inclusive nas pesquisas desenvolvidas em sala de aula de língua estrangeira.

Para tanto, primeiramente será oferecido um panorama histórico da Linguística Aplicada ao longo dos últimos 60 anos. A seguir, serão descritas algumas das suas áreas de interesse e como esta pode auxiliar na solução de problemas relacionados ao uso da linguagem em contextos sociais. Na seqüência, será discutida a situação da Linguística Aplicada Brasil. Por fim, um exemplo de questões de pesquisa relacionadas ao ensino da escrita em inglês como língua estrangeira será apresentado.

LINGÜÍSTICA APLICADA: PANORAMA HISTÓRICO

A Linguística Aplicada vem, ao longo das décadas, revendo os seus conceitos básicos para estar em linha com as principais mudanças na forma de entender a linguagem. Portanto, é importante compreendermos como esta área de estudo se desenvolveu até atingir o seu atual status de ciência independente da Linguística.

O surgimento da Linguística Aplicada

Segundo autores como Mackey (1966/1973), Bausch, Christ e Krumm (1995) e Weidemann (1998), o desenvolvimento das concepções científicas da Linguística Aplicada está intimamente ligado ao contexto sócio-político que se apresentava na América do Norte durante a década de 40. Naquele momento, o mundo passava pela Segunda Grande Guerra e era imprescindível que os soldados americanos aprendessem de modo rápido e eficaz a falar a língua do pacífico e dos outros locais para onde seriam enviados. Sendo assim, Linguistas como Fries, Lado e Bloomfield e outros teóricos com conhecimento profundo da estrutura de línguas, especialmente as faladas pelos índios norte-americanos, tomaram para si esta preocupação. Combinando as

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

anteverões da Linguística Antropológica às então recentes visões da Psicologia Comportamental, o Empirismo Filosófico e o Positivismo e partindo de uma abordagem descritiva, mas também da experiência pessoal no campo de inglês como língua estrangeira, estes estudiosos fizeram as primeiras tentativas de aplicação de teorias linguísticas em questões ligadas ao ensino de segunda língua, ou seja, aquela aprendida por um estrangeiro no país onde ela é falada, e de língua estrangeira, ou seja, aquela aprendida pelo falante sem sair de seu país natal¹⁰ (Cfr. Grabe, 1991).

Desta forma, a preocupação com a aplicação metódica da análise linguística ao ensino de línguas, agregada ao surgimento da Psicologia Comportamental, que acreditava que a aprendizagem ocorre por meio de condicionamento do comportamento do sujeito, resultou na criação do método áudio-lingual para ensino de idiomas. Esta visão behaviorista de aprendizagem de língua estrangeira, dominante até os anos 70, tinha um aval científico, pois aliava os experimentos de laboratório feitos por Skinner e Pavlov ao trabalho dos linguistas, em especial dos estruturalistas americanos. Assim, segundo Mackey (1966/1973), os criadores do termo “Linguística Aplicada” buscavam uma aplicação prática para a Linguística científica moderna, desejando serem vistos não como humanistas, mas sim como cientistas aplicados.

Neste contexto, surge então, em 1957, na América do Norte, o Centro de Linguística Aplicada, em Washington D.C., fomentado pela *Ford Foundation* e cujo objetivo era auxiliar a solução de problemas encontrados em vários países em desenvolvimento com relação ao ensino de línguas. Segundo Strevens (1991), estes sentiram a necessidade de coletar e analisar dados sobre o papel e o uso de inglês e de outras línguas, internacional e localmente, particularmente nas ex-colônias da França e da Inglaterra. Esta análise culminou na criação de programas e materiais para o ensino de idiomas e com o treinamento de professores para a sua utilização.

Todos estes projetos foram possíveis devido aos estudos científicos da língua, subsidiados pelo governo americano, que financiou

¹⁰ No caso do inglês, pelo seu atual status de língua franca, há vários países onde ela é considerada segunda língua por motivos sócio-políticos, como no caso das ex-colônias na África.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vários programas de pesquisa de línguas e ensino de inglês fora do país.

Nesta mesma época, na Grã-Bretanha, iniciou-se um movimento correspondente ao americano e cuja motivação adveio do fato de que o Conselho Britânico almejava prover cursos especializados para professores-treinadores e educadores seniores desta região e de além-mar para que o ensino de inglês, tanto nos países da Commonwealth¹¹ como nos em desenvolvimento, fosse melhorado. Assim, em 1956, Pit Corder fundou na Escócia o Departamento de Linguística Aplicada da Universidade de Edimburgo, cuja tarefa principal foi articular, pela primeira vez em novos cursos de graduação, as bases intelectuais do ensino e aprendizagem de línguas em benefício de educadores seniores trabalhando em países em desenvolvimento (cfr. Strevens, 1991; Baush, Christ e Krumm 1995).

Estas iniciativas em ambos os lados do Pacífico contribuíram para que, no ano de 1964, fosse fundada, na cidade francesa de Nancy, a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA). Esta representou um marco, pois desencadeou uma discussão sistemática com intenção de institucionalizar a Linguística Aplicada como uma ciência autônoma que, durante as décadas de 50-70, ficou tipicamente preocupada com os aspectos práticos do ensino / aprendizagem e com as questões referentes à testagem em segunda língua. Esta ligação pode ser comprovada analisando-se o conteúdo dos quatro volumes da coleção *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*, uma coletânea de artigos seminais escritos durante as décadas de 40-70 sobre a Linguística Aplicada e que foram editados e publicados, na década de 70, por J. P. B. Allen e S. P. Corder, visando preparar linguistas aplicados.

No primeiro volume da série, intitulado *Readings for Applied Linguistics*, de 1973, encontramos textos de linguistas importantes tais como Saussure, Firth, Lyons, Halliday, Worf, entre outros, que provêm a base científica de onde os linguistas aplicados, descritos no prefácio da obra como “consumidores de teorias”, buscavam insumos para os seus estudos sobre o ensino / aprendizagem de línguas. No se-

¹¹ Commonwealth: associação de territórios autônomos, mais dependentes do Reino Unido, criada em 1931 e formada atualmente por 54 estados, a maioria dos quais independentes, mais incluindo alguns que ainda mantêm laços políticos com a antiga potência colonial.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

gundo volume, *Papers for Applied Linguistics*, de 1975, assuntos como gramática, fonologia, semântica, sociolingüística, psicologia e aprendizagem de segunda língua são todos relacionados diretamente ao ensino de idiomas. O terceiro volume, *Techniques in Applied Linguistics*, lançado antes do segundo, em 1974, de aspecto mais prático, trata de assuntos como desenho de curso, fonética e fonologia prática, gramática pedagógica, materiais para laboratórios de idiomas, análise de erros, leitura e escrita, instrução programada, materiais áudio-visuais para a aprendizagem, análise contrastiva, estilística e testagem, provendo, inclusive, atividades práticas para o aprendiz. O último volume, *Testing and Experimental Methods*, de 1977, apresenta procedimentos estatísticos úteis para estudantes de Linguística Aplicada, pois, segundo consta no prefácio “todos os experimentos com base científica precisam de testes, e isto é verdade para os experimentos em Linguística Aplicada”.

Vale à pena ressaltar que, segundo consta em Holmes (1992), os lingüistas aplicados, a partir da leitura e interpretação das experiências de laboratório e das teorias propostas pelos lingüistas e psicólogos, concluíam o que o professor deveria fazer em sala de aula. Assim, eles propunham metodologias, desenhavam cursos e materiais sem nunca terem feito pesquisas empíricas e nem terem pisado em uma sala de aula de língua estrangeira como professores.

Portanto, apesar da visão cientificista dos primeiros lingüistas aplicados, por décadas perdurou a necessidade de uma maior nitidez do conceito de Linguística Aplicada no modelo Anglo-saxão e de uma definição dos critérios e passos metodológicos que deveriam ser observados para legitimar esta área de estudo como ciência autônoma. Deste modo, apesar da forte atuação da Linguística Aplicada no âmbito do ensino / aprendizagem de línguas, pois foi nesta área que ela começou a ter estatuto próprio, firmando-se como área independente de saber, desvinculada de lingüística, e não como mera aplicação desta (cfr. Celani, 2000: 23), ao longo de sua existência, esta disciplina tem respondido em sucessivas ondas a um complexo conjunto de influências históricas e passado por vários ajustes para estar de acordo com as idéias de seus novos usuários e de seus novos contextos de atuação.

As gerações seguintes

Conforme dito na seção anterior, no princípio houve uma grande preocupação em legitimar a Linguística Aplicada como uma área de estudo autônoma dentro das Ciências Humanas. Para tanto, o cientificismo pregado pelos primeiros linguistas aplicados buscou prover as bases para que esta pudesse se estabelecer segundo os parâmetros do que era considerada “ciência” na época, ou seja, nos anos 40. Não obstante, apesar de o escopo da análise linguística, até o início dos anos 80, ter incluído outras dimensões tais como os estudos semânticos, a linguística do texto, a análise do discurso e os estudos linguísticos que localizavam a linguagem como um fenômeno social e um instrumento de comunicação, não demorou muito para que os profissionais de ensino e aprendizagem de línguas questionassem os métodos positivistas e os objetivos apregoados pela nova ciência que buscava, a qualquer custo, aplicar as teorias linguísticas ao ensino de idiomas, sem levar em conta as questões que interessavam aos usuários, ou seja, a quem ensinava e a quem aprendia a língua estrangeira. Além disso, as idéias propostas por Chomsky, na década de 60¹², de que a aquisição de uma língua não poderia acontecer somente pela formação de hábitos, pois somos capazes de entender palavras que nunca ouvimos antes e criar formas novas a partir das já existentes, colaborou para que a década de 70 fosse rica em termos de novas abordagens com relação ao ensino de línguas estrangeiras. Isto porque, apesar de o método áudio-lingual promover a aprendizagem das estruturas gramaticais da língua-alvo, os sujeitos tinham dificuldade de se comunicar em situações reais de uso, ou seja, fora da sala de aula¹³.

No artigo *Applied Linguistics*, Mackey, já em 1966, chamou a atenção para o fato de que “existem dúzias de teorias diferentes sobre a linguagem, muitas das quais contraditórias (...)” e que alguns teóricos “analisam a língua partindo-a em unidades menores, outros a construindo” (Mackey, 1966/1973: 248), havendo uma disparidade entre descrever a língua e ensinar a língua. Por conseguinte, apesar deste estreito vínculo entre Linguística, Linguística Aplicada e o Ensi-

¹² No final da década de 60 e início dos anos 70, uma nova geração de linguistas examinou criticamente a Gramática Gerativa e esta tomou novos rumos com uma mudança de ênfase da sintaxe para a semântica.

¹³ Para saber mais sobre estes métodos e abordagens, surgidos na década de 70, consulte Larsen-Freeman, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: OUP, 2000.

no e Aprendizagem de Línguas, gerando definições tais com “disciplina mediadora entre desenvolvimentos teóricos na ciência das línguas e a prática do ensino de línguas” (Cfr. Stern, 1983:35), com o surgimento de Kaplan (1980), ficou claro que muitos lingüistas aplicados viam o campo de uma forma mais ampla, abrindo espaço, assim, para um segundo movimento, denominado de “modelo de paradigma estendido”. Por conseguinte, esta “concepção lingüística” da Lingüística Aplicada não perdeu e os profissionais da área começaram a ampliar o seu interesse, buscando ferramentas e subsídios em outras áreas que não exclusivamente a Lingüística tais como a Pedagogia, a Psicologia Cognitiva e as teorias de educação (Cfr. Weidemann, 1998). Além disso, pesquisas anteriormente realizadas pela Sociolingüística começaram a entrar no domínio da Lingüística Aplicada, incluindo desenho de documentos, questões relacionadas ao letramento, a comunicação entre culturas, as atitudes e escolhas lingüísticas, as políticas relacionadas à educação, a fonologia, a tradução, a lexicografia, entre outras, levando a sério a noção de que a Lingüística Aplicada lida com um grande espectro de pesquisas orientadas para o uso da língua e que se beneficia da multidisciplinaridade, dialogando com diversas áreas do conhecimento humano.

Quanto a estes novos horizontes, Maher e Rokosz (1991: 251) afirmam que as pesquisas em Lingüística Aplicada têm muito a oferecer no que concerne o entendimento de como o discurso e a interação são construídos em contextos profissionais, já que as possibilidades de erros causados pelo mau uso da linguagem na comunicação são muitas e de graves conseqüências, sendo estes problemas e dilemas reais que necessitam de soluções. Por conseguinte, a Lingüística Aplicada tem se ocupado de diversas áreas tais como a jurídica e a médica, além das interações em contextos educacionais. Assim, a título de exemplificação, podemos citar as pesquisas no campo jurídico sobre o uso da linguagem forense, englobando investigações cujos objetos de análise são a interação entre advogado e cliente, a comunicação no tribunal, o inglês na educação legal e o direito de línguas de grupos minoritários. Já no contexto da medicina, existem análises das interações entre médico, enfermeira e paciente, e do ensino / aprendizagem de inglês para fins médicos, área que pertence ao ramo pedagógico da Lingüística Aplicada.

Partindo da visão sócio-construtivista, retomada no final da dé-

cada de 80, de que todo conhecimento é culturalmente tecido em contextos sociais específicos, e da dimensão social da linguagem, que ganhou força nos anos 90, a Linguística Aplicada pôde centrar-se na investigação dos problemas do uso da língua sem, no entanto, limitar os seus estudos nem à linguagem, nem a Linguística, porque, nas palavras de Brumfit (1995: 28), “os problemas de linguagem na vida social nunca são somente sobre a linguagem e tal limitação significa que os estudos irão sempre ser defeituosos por serem parciais no seu esforço de se endereçarem à aplicação em particular”.

Os efeitos da evolução histórica da Linguística Aplicada puderam ser sentidos também na medida em que percebemos haver uma mudança na forma de investigação adotada pelos lingüistas aplicados, que passaram a aceitar gradativamente o paradigma interpretativista¹⁴ como método de pesquisa típico das Ciências Humanas, como a Antropologia, sendo a emergência da tradição qualitativa considerada por Lazaraton (1995 *apud* Weidemann 1998¹⁵) como a “segunda maioria na pesquisa em Linguística Aplicada.” Além disso, passaram a coexistir correntes diferentes dentro da própria Linguística Aplicada, gerando pesquisas tanto de tradição empírica e positivista quanto estudos qualitativos, interessados ou não em questões de ordem ideológica, tais como a dimensão política do ensino de línguas e a relação entre a linguagem e o poder (Cfr. Pennycook, 1994). O lingüista aplicado, por sua vez, ao longo destas transformações, deixou de ser um mero consumidor de teorias na sua tentativa de utilizar as explicações que os lingüistas davam acerca da natureza da linguagem para, assim, executar programas de ensino (Cfr. Allen e Corder, 1993, ix). Desta forma, ele passou a ter o seu campo expandido para praticamente todas as áreas de conhecimento já que a linguagem permeia todos os setores de produção de conhecimento, bem como todas as áreas de atuação do ser humano, através da interação.

Para concluir, as definições adotadas por Moita Lopes (1996) e Spillner (1995), que entendem a Linguística Aplicada como uma área

¹⁴ O Positivismo é objetivo e quantifica o fenômeno, testa hipótese e generaliza resultados. O Interpretativismo é subjetivo e busca descrever e entender, ou interpretar, o objeto de estudo. O resultado não é necessariamente generalizável.

¹⁵ Lazaraton, A. Qualitative research in Applied Linguistics: a progress Report.

TESOL Quarterly, 28/3, 455-472. 1995.

de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico e que faz uso de métodos tanto quantitativos quanto qualitativos nas pesquisas, parecem abarcar o atual estágio em que esta disciplina acadêmica se encontra.

A LINGÜÍSTICA APLICADA NO BRASIL

Apesar de o Brasil ser, segundo Moita Lopes (1996), um dos países que mais apresenta trabalhos em congressos internacionais, a Linguística Aplicada começou a ganhar força a partir dos anos 80 com a criação de um maior número de programas de pós-graduação na área e com a fundação de várias associações de professores de línguas estrangeiras (Moita Lopes, 1999).

Além destes fatores, destacamos a criação do Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental, pela PUC-SP, motivado pelas necessidades profissionais de vários professores universitários de língua inglesa e que cursavam a Pós-graduação em Linguística Aplicada nesta instituição. Assim, entre 1980-1989, o Projeto realizou uma série de seminários, encontros e workshops, por todo país, para professores de inglês de vinte universidades federais. Durante os encontros, os participantes, responsáveis pelos cursos recém-criados de inglês instrumental para alunos de graduação e pós-graduação de outros departamentos, apresentavam as suas pesquisas sobre as necessidades de seus alunos, participavam de oficinas de trabalho para produção de material didático e de cursos conduzidos pelos principais pesquisadores na área. Neste processo, também os próprios alunos dos cursos instrumentais eram ouvidos com relação a sua experiência de aprender inglês no Projeto.

Como a posição em relação à formação de professores, segundo relata Maria Antonieta Celani, responsável pelo Projeto, era a de se privilegiar o processo e não ensinar a fazer uso de um produto, ao invés de o programa de treinamento profissional ser avaliado por resultados de testes como era de praxe, os próprios participantes eram convidados a discutir e reportar as suas experiências com o Projeto. Desta forma, lançou-se a avaliação participativa, uma decisão pioneira não só no Brasil, mas no resto do mundo.

É interessante notar, também, que, embora este fosse voltado para o campo de ensino de inglês instrumental na universidade, ele conseguiu, além de aumentar a massa crítica nos departamentos de inglês, atingir professores que não estavam diretamente envolvidos com o Projeto e chamar a atenção para outras áreas de interesse da Linguística Aplicada dentro do âmbito da educação em língua estrangeira.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Conseqüentemente, o Projeto propiciou um aumento no nível de compreensão teórica desta área de estudos no Brasil e, havendo um maior interesse por parte dos profissionais de língua inglesa em diversas universidades federais no Brasil, adveio a necessidade de uma organização política da área para que as agências de fomento passassem a dar o devido valor às pesquisas em Linguística Aplicada. Portanto, decidiu-se fundar a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), filiada a AILA, fato este que ocorreu em 1990, na Universidade Federal de Pernambuco.

Algumas áreas de interesse

Dentre as várias áreas de atuação do lingüista aplicado brasileiro, podemos citar, no campo pedagógico, o ensino em língua estrangeira e em língua materna e a formação do docente, além de áreas como o estudo do bilingüismo na população indígena.

Com relação ao ensino de língua materna, podemos dizer que, atualmente, os estudos relacionados à aquisição de linguagem, a alfabetização, o letramento e as relações entre linguagem e trabalho são campos que dependem diretamente dos avanços de pesquisas em Linguística Aplicada para o seu desenvolvimento.

No âmbito da formação do docente, a Linguística Aplicada pretende contribuir para que haja o entendimento de que a linguagem é socialmente construída, o que acarreta desenvolver no professor uma conscientização política com relação aos problemas inerentes a linguagem e sua vinculação com o contexto social. É também necessário levar o docente em formação a perceber que a interação em sala de aula é rica e que esta pode prover dados que irão auxiliá-lo a compreender melhor a sua prática e o seu aluno, buscando formas de melhorar as condições de aprendizagem. Daí ser preciso o professor aprender a produzir materiais para contextos específicos que atendam as necessidades de seus alunos, bem como avaliar os programas educacionais e os materiais utilizados.

Quanto a esta área, Celani (2000) esclarece que, apesar do distanciamento ainda existente entre o nível de desenvolvimento teórico em Linguística Aplicada e os padrões relativamente baixos da educação em língua estrangeira nas escolas, tentativas para alterar este qua-

dro são o foco de interesse do Grupo de Trabalhos em Linguística Aplicada da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)¹⁶, que tem projetos centrados na sala de aula de línguas, e cursos de especialização voltados para a formação do professor.

No que concernem as pesquisas relacionadas às línguas indígenas e as variantes menos privilegiadas socialmente, o linguísta aplicado busca responder várias questões tais como o que é ser bilíngüe ou multilíngüe? Como isso ocorre? Aonde, além das salas de aula, é possível se adquirir o bilingüismo e o multiculturalismo? Quais são os reflexos para as comunidades em termos humanos, sociais, políticos e econômicos? Como estas situações afetam o desempenho escolar? Os resultados destes estudos podem auxiliar no desenho de políticas educacionais que busquem, acima de tudo, garantir equidade social e educacional para todos, independentemente da língua que falam ou do contexto cultural onde estão inseridos.

Os Programas de Pós-Graduação

Para aqueles profissionais de Letras que têm interesse em enveredar pelos caminhos da Linguística Aplicada, existem vários programas de pós-graduação no país que capacitam o profissional para atuar na área. Neste artigo, destacamos dois programas, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro.

Em termos históricos, o primeiro programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada no Brasil foi fundado em 1970, na PUC de São Paulo. O Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)¹⁷ tem por objetivo formar mestre e doutores pesquisadores de alta qualidade e docentes para o nível superior, no campo interdisciplinar de Linguística Aplicada. O Programa também orienta doutores que desejem cursar um pós-doutorado na área.

Com relação às Linhas de Pesquisa do Programa, estas concentram quatro âmbitos principais de investigação e atuação, conforme sugerem

¹⁶ A ANPOLL foi fundada em maio de 1984, em Brasília. Ela se caracteriza por associar Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística.

¹⁷ <http://www.pucsp.br/pos/lael/>

suas designações: Linguagem e Educação; Linguagem e Trabalho; Linguagem, Educação e Tecnologia; Linguagem e Patologias de Linguagem.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro, por sua vez, oferece, ao nível de mestrado, o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Linguística Aplicada¹⁸. Este Programa adota uma visão de Linguística Aplicada como área de pesquisa interdisciplinar voltada para as relações entre linguagem e sociedade, dialogado com várias áreas das Ciências Humanas / Sociais. Dentre elas, citamos os Estudos da Linguagem, a Literatura, a Psicologia, a Educação, a Antropologia, a Sociologia, entre outras. O Programa tem interesse por pesquisas relacionadas às práticas discursivas nas áreas de ensino / aprendizagem, material didático, letramentos, tradução, produção / interpretação literária, performances literárias, performances identitárias, produção cultural, mídia jornalística e televisiva, contextos digitais e multimidiáticos, entre outras.

UM EXEMPLO DE QUESTÕES PARA PESQUISA EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

Conforme já dito, a Linguística Aplicada não se ocupa exclusivamente de questões ligadas ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Não obstante, ao longo de sua existência, esta área de conhecimento tem contribuído muito para um melhor entendimento acerca do uso da linguagem em contextos educacionais, observando aspectos tais como a interação entre professor e aluno e como ela auxilia a aprendizagem de um idioma estrangeiro, por exemplo.

Acerca deste assunto, Brumfit (1995) acrescenta que

Os professores precisam entender algo muito mais rico e complexo do que *como as pessoas aprendem*, ou qual é a diferença entre o perguntar em sala de aula e o perguntar no mundo real, pois estes profissionais operam com grupos de pessoas cujos interesses são conflitantes e que, geralmente, estão em sala contra a sua vontade, e cuja motivação flutua. Esta experiência lhes dá antevisões, porém também os faz resistentes a soluções que as interpretam a luz de um só tipo de explicação (Brumfit, 1995: 36).

São estas experiências que levam o professor crítico e reflexivo a se interessar por investigar as questões oriundas da sua prática em sala de aula e que envolvem a linguagem como ponto de partida. Visando este fim, os conhecimentos e as ferramentas da Linguística Aplicada oferecem ao professor-pesquisador a possibilidade desta

¹⁸<http://www.lettras.ufrj.br/linguisticaaplicada/site/>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

“ponte entre várias disciplinas acadêmicas, como por exemplo, a Linguística, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Educação” (Pennycook, 1994) provendo as bases teóricas para um estudo de sala de aula que seja minucioso e acadêmico.

Dentre as múltiplas questões passíveis de investigação em contextos acadêmicos, Grabe e Kaplan (1991: 287) dizem que uma área de estudos educacionais que cresceu, principalmente nos EUA durante os anos 80, foi o ensino de redação acadêmica para alunos de fim de curso secundário e início de educação superior.

Quanto ao objetivo do ensino da escrita no ensino superior, Spack (1997/2001) afirma que pesquisadores e professores de redação em língua estrangeira tendem a concordar que este seria o de preparar o aluno para se tornar um melhor escritor acadêmico. Quanto a esta questão, Hyland (2000) observa que existe um reconhecimento de que o entendimento das disciplinas envolve o entendimento de seus discursos. No entanto, para que o aluno possa fazer parte da comunidade discursiva, definida por Swales (1990) como uma comunidade que tem, entre outras coisas, uma visão de objetivos públicos em comum e um mecanismo de intercomunicação entre seus membros, este deve negociar o seu acesso à comunidade discursiva familiarizando-se com as convenções praticadas pelos seus membros ao nível do discurso (Matsuda, 1997/2001).

Por conseguinte, um dos focos de interesse da Linguística Aplicada na América do Norte é a falta de habilidade que os alunos demonstram ao escreverem textos acadêmicos. Este interesse advém do fato de que, a cada ano, mais e mais alunos de inglês como segunda língua entram para o sistema educacional americano e encontram este problema, que é presente também em locais aonde o inglês não é a língua nativa, como em Hong-Kong, por exemplo. Além disto, as autoridades educacionais constataram que um grande número de alunos cuja primeira língua é o inglês também tem dificuldade em escrever adequadamente no terceiro grau e, por isso, incluíram na grade de todos os cursos universitários uma disciplina obrigatória onde os alunos aprendem a escrever para a comunidade acadêmica.

Conseqüentemente, os estudos recentes sobre a escrita no contexto acadêmico têm se baseado extensivamente nas pesquisas sobre redações e a educação em inglês para explorar soluções para os pro-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

blemas de escrita enfrentados principalmente pelos alunos cuja língua materna não é o inglês (Grabe e Kaplan, 1991).

A título de ilustração, podemos citar o trabalho de pesquisa descrito no livro *Theory and Practice of Writing: An Applied Linguistics Perspective* (1996), obra na qual Grabe e Kaplan, partindo de uma perspectiva da Linguística Aplicada, discutem as pesquisas em Linguística Textual, exploram as abordagens processuais no ensino da escrita e a Retórica Contrastiva, além de discutem acerca da escrita para fins profissionais.

Analisando o ensino de língua inglesa nas universidades brasileiras, encontramos nos cursos de graduação em Português / Inglês uma situação parecida com a enfrentada pelos professores de escrita acadêmica nos EUA. Neste contexto, problemas tais como o uso incorreto das estruturas gramaticais da língua, dificuldades com relação à escolha lexical e ao uso de conectivos, questões relacionadas ao nível da organização do discurso e a falta de familiaridade com as convenções que regem o texto acadêmico na língua inglesa são lugar-comum.

Na prática, estas dificuldades são um problema do mundo real e são centrados no uso da linguagem, tornando-se passíveis de interesse da Linguística Aplicada. Esta situação pode, portanto, levantar diversas questões para pesquisas tais como o que acontece, ou deixa de acontecer, no processo de ensino-aprendizagem, entre o estágio da prática controlada e o da produção livre, que faz com os alunos tenham dificuldade em redigir um texto acadêmico onde as idéias estejam bem claras e organizadas? Será que uma possível falta de familiaridade em escrever textos dissertativos e argumentativos, em língua materna dificulta a produção do texto acadêmico em língua estrangeira? Até que ponto esta dificuldade tem relação com o nível de proficiência que o aluno tem na língua-alvo?

Os questionamentos desta natureza conduzem o lingüista aplicado, que pode ser o próprio professor com formação acadêmica em Linguística Aplicada, a investigar o uso da língua escrita. Em especial, pode-se explorar a relevância do *feedback* oral / escrito do professor e / ou dos colegas de curso, como instrumento de auxílio para o aluno na elaboração do texto acadêmico, pois “a partir da introdução da noção de escrita com processo, o *feedback* formativo tem sido um dos elementos-chave do ensino da escrita tanto em língua materna como em segunda língua, e esforços tem sido

feitos para examinar o seu uso e os seus efeitos (Silva e Matsuda, 1997/2001).

Para uma melhor compreensão do problema, o pesquisador pode fazer uso da característica multidisciplinar da Linguística Aplicada e buscar subsídios para entender melhor a visão sócio-histórica do ensino de redação, as acepções do termo *feedback* e as formas mais comuns de provê-lo, os papéis que o professor pode assumir enquanto responsável por comentar os textos dos seus alunos, o papel do erro na aprendizagem, e as bases psicológicas que justificam o uso de atividades de revisão colaborativa, ou seja, aquelas que envolvam os colegas na revisão de seus textos. Além disso, pode ser necessário recorrer às contribuições da Análise da Conversação, tais como a noção de face e as estratégias discursivas utilizadas para amenizar críticas para poder, assim, compreender a interação no contexto pedagógico¹⁹.

Desta forma, é inegável que a Linguística Aplicada pode auxiliar muito na solução destes problemas de uso da língua porque o seu cabedal de conhecimento possibilita investigarmos o processo de escrita, tanto em língua materna como em língua estrangeira “incluindo o escritor, o leitor, o texto, e o contexto, bem como a interação destes elementos”, observando, assim, de que forma “os escritores em segunda língua podem negociar as suas experiências através do uso dos traços textuais no processo de escrita” (Silva e Matsuda, 1997/2001) gerando o texto como um produto resultante da interação colaborativa entre professor e alunos, num dado um contexto sociolingüístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a Linguística Aplicada ser uma ciência jovem, segundo a visão da maioria dos autores aqui relacionados, nestas poucas décadas, ela tem produzido cada vez mais frutos na forma das diversas pesquisas relacionadas à sua área de atuação em todo o mundo, fato este que pode ser comprovado pelo grande número de congressos, seminários, cursos, programas de pós-graduação, publicações especializadas e livros publicados que anualmente aumentam a participação da Linguística Aplicada no campo das pesquisas humanas.

Ao traçarmos o perfil sócio-histórico desta disciplina, cujas bases parecem se encontrar na aplicação de teorias lingüísticas ao ensino

¹⁹ Para ler sobre o papel dos comentários dos colegas para a reescrita de textos em LE: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=158
51

de idiomas em meados do século XX, entendemos melhor como ela evoluiu deste meio mais limitado para uma multiplicidade de contextos onde a linguagem é uma questão crucial. Além disso, ela passou a valer-se de mais do que a Linguística para investigar os problemas de utilização da língua para variados fins e por uma variedade de usuários. No tocante a esta questão, foram vistos, por exemplo, as diversas possibilidades da Linguística Aplicada em contextos tanto profissionais como educacionais, tais como o ensino / aprendizagem de língua estrangeira, o uso da língua na medicina e no direito, a formação docente e as questões relacionadas à importância do *feedback* no ensino de escrita acadêmica em inglês como língua estrangeira.

Esta evolução foi possível a partir do novo entendimento de que a linguagem é o instrumento que possibilita ao homem interagir e existir como ser social no mundo e que as línguas estrangeiras, principalmente o inglês, facilitam a comunicação e o intercâmbio entre diversas culturas, disponibilizando para um maior número de pessoas, o conhecimento produzido em diversas partes do mundo.

Perante tudo que foi dito neste artigo, podemos concluir que a Linguística Aplicada tem muito a oferecer a todos aqueles pesquisadores que se interessam por auxiliar o homem a compreender melhor como ele constrói o seu conhecimento linguístico e, por conseguinte, como ele cria e expressa a sua identidade no mundo e nas suas relações sociais, através do uso linguagem em todos os contextos.

REFERÊNCIAS

ALLEN, J.; CORDER, P. *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*. London: OUP, 1973.

BAUSCH, K; CHRIST, H.; KRUMM, H. O ensino e o aprendizado de línguas estrangeiras: comparação entre as concepções científicas. In: BAUSCH, K. (ed.): *Hanbuch Fremdsprachenunterricht*. Tübingen, Bassel: Francke, 1995.13-23. Tradução de Maria J. P. M. e Sílvia D.B. Melo.

BRUMFIT, C. Teacher Professionalism and Research. In: COOK, G; SEIDLHOFER, B. (eds) *Principle and Practice in Applied Linguistics: Studies in honor of H.G. Widdowson*. Oxford: OUP, 1995. 27-41.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. **In:** FORTKAMP, M.B.M. *Aspectos da Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.17-32.

GRABE, W. Applied Linguistics and Linguistics. **In:** GRABE, W.; KAPLAN, R. (eds.) *Introduction to Applied Linguistics*. Reading, Mass: Addison-Wesley, 1991. 33-58.

GRABE, W.; KAPLAN, R. Becoming an Applied Linguist. **In:** GRABE, W.; KAPLAN, R. (eds.) *Introduction to Applied Linguistics*. Reading, Mass: Addison-Wesley, 1991. 1-9.

GRABE, W.; KAPLAN, R. *Theory and Practice of Writing: An Applied Linguistics Perspective*. USA: Longman, 1996.

HOLMES, J. Research and the postmodern condition. **In:** PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M.A.A. (orgs). *Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à Linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992. 37-49.

HYLAND, K. *Disciplinary discourses: social interactions in academic writing*. Essex: Pearson Education, 2000.

KAPLAN, R. *On the Scope of Linguistics, Applied and non*. Rowley, M.A: Newbury, 1980.

MACKEY, W. F. Applied Linguistics. **In:** *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*. London: OUP, 1973. 247-255. [artigo originalmente publicado em *English language teaching*, vol. xx, n.1, 197-206. 1966]

MAHER, J.; ROKOSZ, D. Language use and the professions. **In:** *Introduction to Applied Linguistics*. Reading, Mass: Addison-Wesley, 1991.231-253.

MATSUDA, P. K. Contrastive rhetoric in context: a dynamic model of the L2 writing. **In:** SILVA, T. J.; MATSUDAIRA, P.; MATSUDA, P. K. (orgs). *Landmark essays on ESL writing*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997/2001. 241-255

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Fotografias da Linguística Aplicada no campo de línguas estrangeiras no Brasil. **In:** *DELTA*, 15, n. especial. 1999.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300016&lng=&nrm=iso&tlng . Acesso em: 26 de fevereiro, 2008. Não paginado.

PENNYCOOK, A. *The Cultural Politics of English as an International Language*. London: Longman, 1994.

SILVA, T. J.; MATSUDAIRA, P.; MATSUDA, P. K. (orgs). *Landmark essays on ESL writing*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997/2001. 241-255.

SPACK, R. Initiating ESL students into the Academic Discourse Community: How Far Should We Go? **In:** SILVA, T. J.; MATSUDAIRA, P.; MATSUDA, P. K. (orgs). *Landmark essays on ESL writing*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997/2001, p. 75-90.

SPILLNER, B. Lingüística Aplicada. **In:** BAUSCH, K-R. (ed.): *Hanbuch Fremdsprachenunterricht*. Tübingen, Bassel: Francke, 1995, p. 24-31.

STERN, H. H. *Fundamental Concepts of Language Teaching*. Oxford: OUP, 1983.

STREVENS, P. Applied Linguistics: An Overview. **In:** GRABE, W. & KAPLAN, R. (eds.) *Introduction to Applied Linguistics*. Reading, Mass: Addison-Wesley, 1991, 13-31.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 1990.

WEIDEMANN, A. *Five Generations of Applied Linguistics: some framework issues*. LAUD Linguistic Agency University Documentation, 1998.1-26.